



Director literario:

António F. Cohen Sarmiento
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

No tempo em que Jesus andava pelo mundo...

1.º PRÉMIO — SÉRIE B

Por ANTONIO F. COHEN SARMENTO—15 anos de idade

Desenhos de EDUARDO MALTA

NO tempo em que Jesus andava pelo mundo...»

Era assim que começavam diversas histórias que Joãozinho ouvia sempre com muito gosto.

Joãozinho era pobre. Sua mãe, coitada, trabalhava noite e dia, a cozer à máquina, para pagar a casa humilde em que morava, para comprar os géneros que ela mesma cosinhava e para ter as roupas grosseiras que vestiam.

Os meninos ricos não pensam como o pobresinho. Não têm tempo. Durante o dia, entretidos com os brinquedos, só os deixam para ir à mesa comer coisas boas e à noite dormem logo nos seus macios colchões, com as suas cobertas bordadas.

Mas os pobresinhos, não: sós, sem criados e obrigados a inventar brinquedos porque não têm quem lhes compre, pensam muito durante o dia, choram à hora do almoço, ou

do jantar, porque o prato que lhes dão não chega e à noite, sem terem quem os amime na cama, porque a mãe está a dar



conta do serviço, pensam ainda e como homens grandes. Pensam mais a essa hora recordando-se de que viram durante o dia e imaginando como seriam felizes se tivessem os carinhos, ou os bonecos, ou as roupas bonitas, ou os doces saborosos que não faltam às crianças ricas.

Joãozinho, deitado, enquanto a mãe cozia, lembrava-se do começo de uma das histórias:

—«No tempo em que Jesus andava pelo mundo...»

—Ah! Que bom se fôsse ainda esse tempo. Mas, agora, Jesus está lá em cima no céu, e não vem mais passear pela terra.

E, pensando assim, adormeceu, embalado pelo tic-tic-tic da máquina de costura que a mamãzinha movia depressa, para aprontar no dia marcado a encomenda.

Adormeceu e sonhou.

Sonhou que estava a fazer subir um papagaio de fio muito comprido, à porta de casa. O fio enredou-se num alto poste da rua, e não o pôde desembaraçar. Apareceu então um homem e, vendo-o chorar, perguntou-lhe:

—Porque choras?

—Porque não posso desembaraçar o fio do papagaio, que era o único brinquedo que tinha — respondeu o pequeno.

O homem estendeu o braço e restituiu-lhe o papagaio.

Tudo isso se tinha dado, verdadeiramente, um mez antes. Mas no sonho o homem, depois de lhe fazer aquele benefício, não se foi embora. Olhou para ele com muita ternura, sorriu e, pouco a pouco, foi-se transformando em Jesus, com a sua túnica, com os seus cabelos longos e a sua linda barba castanha.

(Continúa na pag. 2)



— Jesus!

— Sou Jesus, Joãozinho. Fui eu o homem que te restituiu o papagaio. Não me conheste. Jesus anda ainda pelo mundo, meu filho, e andar sempre e será sempre o amigo dos bons meninos.

Joãozinho, que sentia o coração aos pulos, ajoelhou-se e beijou-lhe a alpercata.

Jesus ergueu-o, brandamente, deu-lhe um beijo e desapareceu.

Joãozinho viu entrar em casa um carregador com um cesto de fruta, era o mesmo que há tempos lá fora com aquele presente, sem dizer quem o tinha mandado, o que deixará muito intrigada a mãezinha.

O carregador deixou o cesto e dirigiu-se a João:

— «Sabes, perguntou-lhe, quem foi que me mandou levar à tua mãe aquelas frutas?»

— «Não sei.»

— «Foi Jesus...!»

Mal tinha ouvido essas palavras, viu chegar a baroneza que morava no palacete da esquina e que uma vez lhe fizera presente de umas botas de cano alto, muito caras, iguais às que os filhos usavam. E a baroneza, com a mão enluvada, disse-lhe, carinhosamente:

— Sabes quem foi que teve a ideia de mandar aquelas botas?

— Não.

— Foi Jesus.

Passou, então, o médico que o tinha tratado, quando teve uma doença que todos pensavam que morresse, e que, além de ir vê-lo várias vezes ao dia, mandava preparar à sua custa os remédios na farmácia.

Joãozinho foi ao encontro do doutor. Mas quando lhe ia falar, recuou admirado. Não era o doutor. Era Jesus, outra vez!

Compreendeu então que Jesus tinha tomado a figura do doutor, que o tinha curado e que lhe tinha dado os remédios de graça.

Ajoelhou-se de novo e beijou-lhe a alpercata.

Jesus ergueu-o e disse:

— Não acredites mais, Joãozinho, que vivo sómente no céu, que não ando mais pela terra como antigamente. Aqui estou sempre. E não abandono jámais os bons meninos nem os pobres e os humildes que precisam de mim.

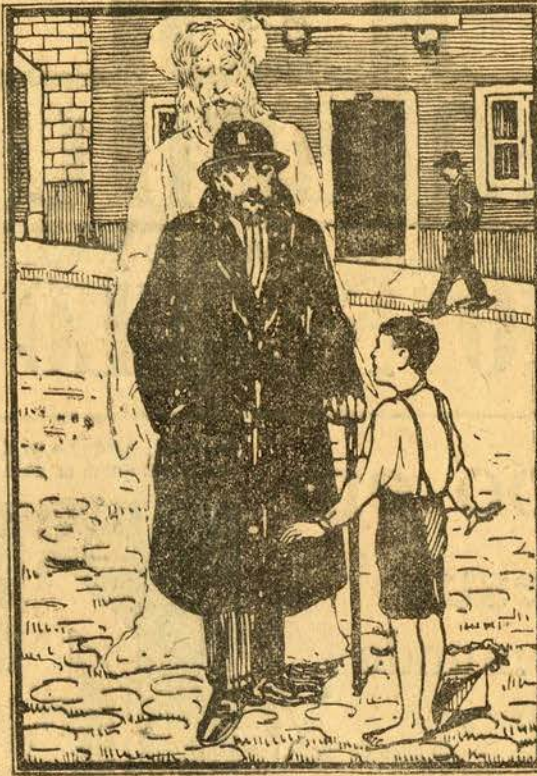
— Mas eu não o posso ver quando estou acordado; desejava falar-lhe, mas não sei onde está...

— Estou ao teu lado, bem pertinho de ti e perto de ti estarei sempre, como um paisinho que sou...

— Fala-me que te ouvirei.

Desde então nunca mais Joãozinho deixou que lhe dissessem:

— «No tempo em que Jesus andava pelo mundo...»



A DIVINHAS

1

Qual é a rua de Lisboa que nós temos no meio da mão?

2

Qual é a rua de Lisboa que está sempre a pedir que lhe acudam?

3

Qual é a rua de Lisboa que está sempre no verão?

4

Qual é a terra portuguesa que tem o nome de um grande jogador de «foot-ball»?

Fernando Leal de Azevedo Cunha

Decifração das do número anterior:

1 — Dispensa. 2 — Pescadinha.



Mini Kari—Então está satisfeita? Há apenas na correspondência uma confusão que é preciso esclarecer.

As minhas felicitações.

Silfo—Muito interessante!

Pela minha parte, sim.

Aguarde outra decisão.

Pedro Antunes Gaudêncio—Recebi o conto. Veremos o que se lhe pode fazer.

Cristiana Figueiredo Mateus—Recebi o continho. Não está maisinho.

Amigunha—Veio devolvida a carta que o sr. Santa-Rita lhe escreveu. Mandé morada exacta.

Vejam os
meninos se
descobrem
quem é que
tem sempre
pacto com o
Diabo.



Octavio Bogarim da Costa Vaz—E' mesmo assim que eu gosto!

Originalísimos os teus versos.

Mas primeiro que tudo, é preciso lembrarem-se de que só se publicam os que vierem desenhados em papel sem linhas e a tinta escura. Percebeste?

José Junqueira Freire—Bravo!

E's um artista: O barco que vem colorido está lindo.

O automóvel até parece que... está vivo!

Um grande abraço.

Maria Emilia da Cunha Cruz—Que pena serem as tuas ad-

divinhas já muito conhecidas.

Se mandares alguma história manda uma que seja pequenina porque como deves ver há muito pouco espaço no Pim Pam Pum para a colaboração dos leitores. Mas que não seja copiosa...

Beijinhos à mana Laura Eugénia e para ti.

António Avelar Fernandes—O desenho que mandaste está muito bem feito, mas tem uma tal quantidade de risquinhos, que na gravura ficaria um borrão.

Se mandares outros tens que obedecer à seguinte condição:

Serem originais (não cópias) e feitos com um traço grosso.

Um aperto de mão.

TIOTONIO

1.º PREMIO — Série A

Por MARIO MARQUES DE MAGALHÃES, de 13 anos de idade





"ZÉ" TRAPO

1.º PRÊMIO — Série C

::: Por LAGARTIXA :::

::: Desenhos de :::

EDUARDO MALTA

Zé trapo vivia numa trapeira e filho era de uma trapeira.

Zé trapo era pequeno, alegre e amigo de aventuras, que só conhecia de ouvir contar aos maiores.

Zé trapo fez anos e a mãe, que se lembrou, deu-lhe um lenço de presente.

Toma lá, Zé, não o percas, é amarelo porque não havia de outra côr, mas é bonito.

E' sim, eu cá gosto. O' mãe, como é que se traz, na algibeira ou na mão?

Na mão só para assoar; és capaz de o perder.

Não sou, não senhora.

Zé trapo desde que teve o presente do lenço assoava-se mais que os outros rapazes. Depois de se assoar dobrava o lenço e guardava-o... todas as noites o levava. De uma vez pô-lo a secar em cima de um mangerico. Quando se levantou foi logo buscá-lo e maravilhou-se com o cheirinho.

! Eh! rapazes, o meu lenço tem cheiro! gritou êle na rua.

! Como é que fizeste? Deixa cá vêr... Cheira... cheira... vê lá... O meu lenço deita cheiro... isso é que êle deita...

! Queres trocá-lo?



! Olha, olha! Pois então não querias?
Eu dou-te... queres a minha navalha? ! que é que tu queres? Não quero nada.

! A minha navalha, Zé!
Deixa-a cá ver. ! E' nova?
Novinha.

Então troco.
Zé trapo pegou na navalha que era como um dedo mínimo, abriu-a e fechou-a, mirou-a muito bem e, por fim, meteu-a na algibeira.

Agora o lenço, dá-mo cá que é meu...

! O lenço?

Não sei que passou pela cabeça de Zé trapo que desatou numa carreira doida.

O dono da navalha não ficou pasmado e largou atrás dele à desabalada. Deram tantas voltas que não tinham

conto; Zé trapo é que corria mais. O outro, desanimado, sentou-se num patamar e chorou que se fartou.

Zé trapo, sempre a correr, safu da terra e só à noitinha descansou. Encostou-se a umas pedras e adormeceu. Sonhou muito, de manhã ainda se lembrava dos sonhos todos.

Andou pelas portas pedindo uma buchinha e perguntando pelo rei. De caminho, se via ensejo, gabava os seus



bens: um lenço que dava cheiro e uma navalha viva...

Poucos o escutavam, mas Zé trapo não esmorecia. Numa loja disseram-lhe que voltasse e ele ficou contente. Antes de adormecer estendeu o lenço em cima de umas ervas de cheiro. Sonhou os seus belos sonhos e quando acordou sentiu-se bem.

Arrecadou o lenço e foi ter à loja onde o esperavam. Fez novo elogio dos seus haveres.

¿ Mas que lenço é esse ?



E' nm lenço que apanha os cheiros...

¿ Apanha os cheiros ?

Sim, sem eu lhe deitar nada...

¿ Essa é boa ! Deixa-o cá ver.

Ora, ora... Lenços dësses tenho eu cá muitos...

Parece-lhe a si. Cheire-o lá...

E' verdade; que cheiro !

¿ Queres vendê-lo ? ¿ Quanto queres tu por êle ?

Não quero dinheiro.

¿ Então ?...

Só quero uma camisa e um fato.

O lojista riu-se e aceitou a troca.

Mas Zé trapo, quando se viu enfarpelado de novo, guardou na algibeira a navalhinha e o lenço e saiu pela porta fóra.

¿ Então esse lenço ?

Zé trapo já não podia responder porque ia desabalado a fugir.

O lojista gritou e o povo, alvoroçado, ainda o encheu de vaias.

Farto de correr caíu Zé trapo em cima de um feixe de erva e ali mesmo adormeceu. Sonhou os seus lindos sonhos e de manhãzinha, muito bem disposto, foi pelas portas. Pedia pão e perguntava pelo rei. Também falava dos seus bens, a navalhinha e o lenço.

Naquela terra havia muitos sapateiros. Um dëles teve a ambição de possuir a navalha viva.

Chamou Zé trapo e perguntou-lhe se êle queria vender a navalha.

Não por dinheiro...

¿ Então que é que tu queres por ela ?

Um par de botas.

E' cara.



¿ E' cara ? ¿ Uma navalha que vate uma loja em pêso ! Mostra-a lá.

Vocemecê repare bem. Ela aqui está.

O sapateiro, com o tacho das papas à frente, via saltar a navalha em cima do balcão.

¿ Mas a sério, essa navalha está viva.

Viva, vivinha...

Zé trapo, com toda a desfaçatez, dava sôcos no balcão, pela parte de baixo e dizia que nem dinheiro nem botas lha pagariam.

Mas, se tu queres umas botas, escolhe...

Só se fôrem as melhores.

Sejam as melhores...

Zé trapo calçou-se e, enquanto o sapateiro considerava o seu luxo e a inveja que iria causar, ganhou a porta e desapareceu.

¿ A navalha, ó rapaz !

¿ Qual rapaz, nem qual navalha ?

O sapateiro barafustava e Zé trapo, já fóra das vistas, voava... Bem calçado e bem vestido, quando parou pôse a scismar. Aconselhado pelos seus botões foi de porta em porta, fazendo uma grande lamúria ; que se tinha perdido, que não sabia voltar para trás, que era muito infeliz...

(Continúa na pag. 7)

O BALÃO

1.º Prémio — Série B

Por OLAVO D'EÇA LEAL, de 17 anos de idade
DESENHO DE EDUARDO MALTA

ERA uma vez um menino
Chamado Manolo.
E, como todos os meninos,
Era tolo,
Pequenino
E tinha medo ao Papão!

Um dia,
A tia
Comprou ao menino
Pequenino,
Um balão!

O menino Manolo,
Depois de brincar
E rolar
Como um rolo
Atraz do balão,
Pôs o balão
No chão
E quiz experimentar
Se poderia sentar
O seu rabinho
Redondinho,
No balão
Redondão!

Mas a mamã,
Que estava a espreitar,
Viu!
Sorriu!
E disse ao menino
Que tivesse mais tino!
Pois se continuava,
Arrebatava
O balão!

Mas o menino
Disse que não!
Que não! que não! que não!
Que não estoirava
O balão!

E continuou a pousar
O seu rabinho
Redondinho,
Em cima do balão
Redondão!



De repente,
O menino sente
Rebentar o balão!...
E bater o rabinho no chão!

O menino pôs-se a chorar
E foi perguntar
Á' tia
Onde estaria
O balão!?

E depois de vasculhar
A sala, de fio a pavio,
Só conseguiu
Encontrar
Uma farripa engelhada...
E mais nada!...

Mas o menino
Pequenino
Não se poudo convencer!

E, com um carão
De chorão,
Pôs-se a berrar
E a dizer:
que não podia ser
O seu balão
A farripa que tinha na mão!

E ninguém foi capaz
De vencer o rapaz!
Que a tripa,
Farripa,
Que êle tinha na mão;
Era o balão!...

No Largo da Escola

1.º prémio — Série A

Por ANTONIO FERNANDES DA FONSECA
DE 11 ANOS DE IDADE

NO largo da escola,
Na mão a sacola,
Brincando estão,
Jogando o pião,
Manuel Valente
E Zé Cobardão.
Nisto, de repente,
Aparece um cão,
O branco Sultão,
E ferra o dente

No filho pequeno
Do Chico Veneno,
Que andava brincando
A bola jogando.
Manuel Valentão
Agarra num pau,
Espanca o mau,
Põe-no a fugir.
José Cobardão
Foge do perigo,

Mas, para castigo,
Vai logo cair.
Enquanto, contente,
Manuel Valente
Consola o petiz,
O Zé Cobardão
Dá um trambolhao
E esmurra o nariz!



ANTONIO FERNANDES
DA FONSECA

(Carregal do Sal)

1.º PRÊMIO — Série C

Por WLADIMIRA QUIRINO DA FONSECA



CONCURSOS do PIM-PAM-PUM!

Por omissão da nossa tipografia, não foi mencionado, no número das menções honorosas numeradas, o nome da menina Maria Amelia Teixeira que obteve com o seu conto intitulado: — «Com a boneca partida» série B a 4.ª menção honrosa, lapso de que pedimos desculpa à sua talentosa autôra que, como as restantes classificadas, revelou uma decidida vocação literária.

— Ficaram considerados fóra do concurso os autores das magnificas aguarelas intituladas: — Vendaval e Paisagem de Sintra, — respectivamente de 10 e 12 anos, por se afigurar ao júri não serem da autoria dos seus signatarios a quem, como justa reparação, seria feita justiça em caso de comprovado erro.

— Conforme dissemos no nosso número anterior, damos hoje a lista das restantes menções honoras sem numeração, obtidas no Concurso de Desenho, ficando assim completa a lista dos classificados nos nossos três concursos que tão retumbante exito obtiveram:

Serie A

Armando Duarte Rebelo, Augusto Simões Lopes, Joaquim Pinheiro Queimado, Manuel Francisco Gomes da Lança Cordeiro, Irene Alves, Maria Juliados Santos Pinheiro, Sergio Lopes Madeira, Maria Balbina de Vitorino Pereira, Orlando de Sousa Calça, Colegio de Pavia Alentejo, Joaquim Antonio Valente Arnaud, João Adelino Dias Pena, Abilio Ribeiro de Moura, Francisco Pulido Valente, Maria do Céu Labrador, Mario Figueiredo Mota, Eduardo Santos, Henriqueta da Piedade Lente Mota, Manuel Eduardo Valente Arnaud, Henrique Silva, Ernesto, Natividade Mario d'Almeida Martins, Afonso Magalhães Dantas da Gama, Basquine Custodio Costa, Gumercinda Mesquita da Silva, Lica Pais, Nair Xavier de Almeida, Martins Vieira, Vasco Manuel dos Reis Cabrita, Augusto Pires Tiburcio Lopes, José de Carvalho Inácio, Antonio José d'Almeida, Maria Emilia Castellão, Jeronimo, Ramiro Torres d'Almeida, Reinaldo Varela de Carvalho, Pedro da Encarnação Barrahá, Rey-Naldo, José da Encarnação Barrahá, Nicolau Ferreira Belchior.

Serie B

Alice Reis Soares, Edith de Chaby Lara, João Emilio Santos Paúl, Maria da Piedade Brifa Raposo, Cecilia dos Santos Trindade, Oscar de Campos Fragoso.

«ZÉ» TRAPO (Continuação da 5.ª pagina)

Todos o socorriam e Zé trapo alcançou, enfim, a terra onde morava o rei. Conseguiu falar ao rei que era muito velho e pespegou-lhe as mais imaginosas mentiras que lhe ocorreram.

O rei ouvia-o de cabeça à banda, a piscar-lhe um olho, e, por fim, perguntou-lhe:

! Mas que é que tu pretendes?

Governar um dia, só um dia...

Pois sim, mas hás-de mostrar capacidades

! Capacidades?...

Zé trapo não entendia a rial linguagem e estava atrapalhado.

Eu... capacidades...

Sim, mostrar de que és capaz.

! Ah! Sou capaz de muita coisa.

Olha, ! Saberás tu indicar-me o ser mais limpo da criação?

Zé trapo pediu um dia para pensar. Foi-se embora, comeu e dormiu e no outro dia tornou ao palácio.

Rial senhor, cá lhe trago a resposta, são os peixes.

! Os peixes?

Sim, meu senhor, como andam sempre dentro de água, estão sempre lavados.

Tens razão.

Agora hás-de-me saber qual é a árvore mais alta do mundo.

Zé trapo não se atarantou, pediu outro dia para pensar. Quando voltou à presença do rei, disse que só passados anos lhe poderia dar a resposta.

! Porquê?

Porque ainda há muitas árvores a crescer...

O rei achou-lhe graça. Pediu-lhe então que adivinhasse quem mentia mais num dia.

Zé trapo ficou ralado e toda a noite levou de olho aberto. Quando se apresentou ao rei ia cabisbaixo e pediu perdão de não ter adivinhado. Ele mentia muito, mas estava convencido que havia maiores mentirosos...

O rei fez-lhe uma festa e riu-se, depois disse-lhe:

Habilidade para reinar tens tu, mentes quando é preciso, mas também sabes falar verdade.

Eu não tenho herdeiros... tu és esperto...

Zé trapo, contentíssimo, ia ouvindo.

Tirou da algibeira o lenço e a navalhinha e, em sinal de gratidão, quiz oferecê-los ao rei.

Não, não, guarda. Tens um feio nome mas bonitas manhas, rapaz...

Zé trapo pediu, de joelhos, ao rei que o crismasse.

Pois sim, serás José Trapa e, como não tenho descendentes, adopto-te.

José Trapa levantou-se com muita dignidade, fez uma reverência e enxugou as lágrimas.

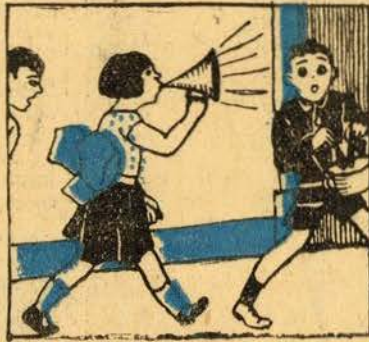
AQUI JAZ UM «JAZZ-BAND» QUE JA' NAO FAZ ALARIDO

2.^a MENÇÃO HONROSA — Série G — Por CAVALEIRO DA AVENTURA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



*Heróis da história: três manos,
Três «adoráveis crianças»,
Que hão de ser, por muitos anos,
Campeões em quaisquer danças.*

*Ninguém (é já voz antiga)
Tudo os venceu no maxixe
Nas vastas salas da «Liga
Pró-Amigos de Peniche».*



*Porque a dança os estimula
E nada há mais que os abraze,
Um dia — ninguém calcula! —
Organizaram um «jazz».*

*O bombo é um velho tacho;
E dum funil — «pó-pó-pó» —
Faz-se um saxofone «baixo»
Que mais não dá do que dó...*



*Um dos três, que fez a trompa
Com dois canos velhos de água,
Berra com força e com pompa:
«Não havia trompa! Eu trago-a!»*

*— Esse dó é nota falsa!
— E' nota falsa? Então... troque-se!
— Vamos tocar uma valsa?
— Um tango! — Um maxixe! — Um fox!*



*E os jovens «jazz-bandido»,
Albino, Albano e Alberto,
Começam (ai, meus ouvidos!)
O delirante «concerto».*

*Uma «harmonia» medonha
Com imprevistos acordes
Lembrando — pouca vergonha! —
Os solavancos dos «Fords»...*



*Até que a mãe (eu aprovo),
Entre sopapos e tombos,
Organiza um «jazz» novo
Feito sómente de bombos...*

*O reboliço foi grande.
E assim, sovado e vencido,
Aqui jaz um «jazz-band»,
Que já não faz alarido.*

BARRACA DE FANTOCHES

I.^o VOLUME
::: DA :::

Biblioteca PIM-PAM-PUM!

GRANDE SUCESSO!

À VENDA